

Nova ameaça de o Brasil vivenciar o efeito Orloff

SUELY CALDAS



O País, como nos demais planos, percorre os caminhos argentinos

Ea moda pegou. Foi o vice-presidente do grupo Pão de Açúcar, Abílio Diniz, dar a senha, todo mundo entendeu e aderiu. Na reta final da entrada em cena do real os preços explodiram e a fase três do plano econômico dá a partida com a vida do brasileiro excessivamente cara. Como na Argentina do plano Cavallo. Mais uma vez o Brasil vive o fenômeno do *efeito Orloff*, em que re-

produzimos caminhos já percorridos pelos amigos portenhos.

Na Argentina os preços estavam caros e dolarizados quando chegou o Plano Cavallo. Com o câmbio fixo não caíram e até hoje continuam caros em comparação com a média da renda da população argentina. No Brasil a carestia começou a subir colina a partir do segundo semestre do ano passado.

A Unidade Real de Valor (URV) tentou equilibrar preço e renda, mas não conseguiu evitar aumentos excessivos, sobretudo na sua reta final. Basta dar uma olhada nos preços das roupas de inverno. Em média, aumentaram 64% nos últimos 30 dias (por-

tanto, 20% acima da URV) e em dólar custam mais caro do que em Nova York, Londres ou até Tóquio.

E como será depois do real? O câmbio fixo evidentemente vai ajudar a segurar os preços, mas eles ficarão estáveis? Cairão? Economistas videntes - aqueles que vivem procurando argumentos para profecias, catástrofes - apostam em variações de 1% a 7% para a inflação de julho e

deflação em agosto, porque as empresas teriam que reduzir preços para vender seus produtos. O atraso na definição das regras para aluguéis é, em parte, responsável pelo resultado ainda positivo no índice de julho. Mas haverá outra inflação, invisível para os índices oficiais e pesada para o bolso do consumidor: os aumentos de preço em URV - espertamente propostos pelo empresário Abílio Diniz - que ocorrerão nos últimos dez dias de junho e não serão captados pelos institutos de pesquisa.

A equipe econômica do ministro da Fazenda, Rubens Ricúpero, acredita que esses especuladores podem ser punidos pela própria lei da oferta e procura:

engordando abusivamente seus preços acabarão por encalhar produtos e perderão faturamento.

É aí que podem aparecer diferenças no fenômeno *efeito Orloff*. É certo que no Brasil, tanto quanto na Argentina, há pouca tradição de queda de preços. Mais de dez anos de inflação altíssima confundem consumidores e quem detém o poder de formar preços acaba levando a melhor. Porém, numa situação de economia estável, como se espera seja a fase pós-real, as leis não escritas da concorrência e da oferta e procura se libertam da toca da inflação e funcionam.

A estabilidade oferece ao consumidor parâmetros seguros para ele optar por um ou outro fabricante, este ou aquele preço. É desta nova realidade que a população deve saber tirar proveito e encontrará para isso condições melhores do que as vividas pelos argentinos no início do plano Cavallo. Para começar, tirando os oligopólios que tem poder de fogo para impor preços, a indústria brasileira é mais vigorosa e competitiva do que a argentina. Aqui há diversidade maior de fabricantes de um único produto, a concorrência acontece e o consumidor acaba se beneficiando. Um bom caminho é fazer pesquisa de preço e leilão declarado, percorrer o comércio e avisar ao comerciante

que a outra loja oferece aquele fogão a preço mais baixo.

A população já pratica isso. Quem, ao fazer compras, não ouviu aquela velhinha detalhista alertar que no outro supermercado o preço do ovo é bem mais barato? O empresário Abílio Diniz não gosta, mas essa prática leva as gorduras de preço a fazerem dieta rapidinho. E depois de 1º de julho, com as etiquetas impressas em real, será muito mais fácil, porque o preço será o mesmo depois de uma semana, um mês, 60 dias. E quem sabe serão remarçados para baixo? A favor da deflação, há folga e gordura suficientes para empresas baixarem preços sem contabilizar prejuízos.

Também a nosso favor, as empresas brasileiras estão mais preparadas do que as argentinas para trazer produtos do exterior com agilidade, obtendo vantagens da queda das alíquotas de importação. É outro recurso para induzir a queda dos preços em real. Como aconteceu nos outros planos, o Brasil novamente percorre caminhos argentinos. Tem condições de procurar atalhos e desvios capazes de encurtar o caminho até a estabilização, este ano, com traumas mais amenos do que nosso vizinho. Mas há tanto a fazer no ano que vem...

■ Suely Caldas é jornalista.